



Juventudes e Ensino de Sociologia: um diálogo necessário

Youth and Sociology Teaching: a necessary dialogue

**Raphaella Gonçalves
Teixeira**

Universidade Federal Vale do
São Francisco (Univasf)
E-mail
goncalves.rt@hotmail.com

**Adelson Dias de
Oliveira**

Universidade Federal Vale do
São Francisco (Univasf)
E-mail
adelsonjovem@gmail.com

Resumo

O objetivo deste texto é oferecer uma contribuição às discussões sobre o Ensino de Sociologia a partir das narrativas de seis jovens estudantes sobre suas experiências com a disciplina Sociologia. Trazemos aqui uma discussão sobre as experiências narradas de seis jovens estudantes de ensino médio com a disciplina Sociologia. O percurso metodológico fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa (MINAYO, 2001) e da investigação narrativa (CONNELLY e CLANDININ, 1995), tendo como principal instrumento a entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002), cujo conteúdo foi analisado a partir da Análise Compreensiva (BERTAUX, 2010). Como principais resultados temos que as experiências desses jovens com a disciplina Sociologia, apesar de nem sempre se mostrarem significativas, aparecem em forma de reconhecimento da importância da disciplina para a compreensão da vida em sociedade e da própria Juventude enquanto representação sociocultural e enquanto situação social, que diz das situações vividas em comum pelos indivíduos como a “classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero, etc.” (GROPPO, 2000, p. 15). Desse modo, encontramos uma necessidade de aproximação e diálogo entre as Juventudes e o Ensino de Sociologia para que esta disciplina possibilite experiências com sentido para a vida dos jovens estudantes.

Palavras-chaves: Narrativas. Juventudes. Ensino de Sociologia.

Abstract

The purpose of this text is to offer a contribution to the discussions on the Teaching of Sociology from the narratives of six young students about their experiences with the discipline of Sociology. We bring here a discussion about the experiences narrated by six young high school students with the discipline of Sociology. The methodological path was

based on the assumptions of qualitative research (MINAYO, 2001) and narrative investigation (CONNELLY and CLANDININ, 1995), with the main instrument being the narrative interview (JOVCHELOVITCH and BAUER, 2002), whose content was analyzed based on Comprehensive Analysis (BERTAUX, 2010). As main results we have that the experiences of these young people with the discipline of Sociology, although not always being significant, appear in the form of recognition of the importance of the discipline for the understanding of life in society and of Youth itself as a socio-cultural representation and as a social situation, which speaks of the situations experienced in common by individuals such as “social class, stratum, ethnicity, religion, urban or rural world, gender, etc.” (GROPPO, 2000, p. 15). Thus, we found a need for rapprochement and dialogue between Youth and Sociology Teaching so that this discipline allows experiences with meaning for the lives of young students.

Keywords: Narratives. Youths. Sociology teaching.

Introdução

O objetivo deste texto é oferecer uma contribuição às discussões sobre o Ensino de Sociologia a partir das narrativas de seis jovens estudantes sobre suas experiências com a disciplina Sociologia. Esse esforço dirige-se no sentido de contribuir para a reflexão sobre o Ensino de Sociologia a partir das contribuições dos próprios estudantes, que são aqui tomados como colaboradores na construção de conhecimentos, uma vez que partimos da compreensão de jovem como sujeito social na direção que nos traz Dayrell (2007) ao afirmar que

tomar os jovens como sujeitos não se reduz a uma opção teórica. Diz respeito a uma postura metodológica e ética [...] ver e lidar com o jovem como sujeito, capaz de refletir, de ter suas próprias posições e ações. (DAYRELL, 2007, p. 161).

É a partir da abertura ao encontro com os estudantes e de estarmos atentos à diversidade de experiências que se faz presente em sala de aula, que buscamos compreender de que modo como os jovens têm experienciado a disciplina Sociologia

no ensino médio, de que maneira os conteúdos chegam para os estudantes, se dialogam com suas vivências enquanto jovens e se foram/são significativos na ampliação das possibilidades de interpretação e compreensão da sociedade e suas relações.

Carrano (2008) nos chama atenção para o contexto das escolas públicas que não raro possuem

espaços pobres e inadequados, ausência de meios educacionais (principalmente acesso a computadores e internet), ausência de atividades culturais e passeios. Isso tudo num quadro social e econômico no qual a escolarização das novas gerações se massificou em regime precário e, ao mesmo tempo, deixou de representar garantia de inserção social e profissional (CARRANO, 2008, P. 182).

Sem desconsiderar a complexidade de fatores que permeiam os diferentes contextos escolares e que podem dificultar a concretização de uma aprendizagem significativa, Carrano (2008) também contribui ao refletir que não é possível reduzir o distanciamento entre escola e jovens, buscando um contexto de aprendizagem significativa, sem que haja “um esforço dos educadores em compreender os sentidos de ser jovem no tempo presente” (CARRANO, 2008, p. 183).

Sendo assim, para transpor os distanciamentos entre a instituição escolar e os jovens é preciso tomá-los ética e metodologicamente como sujeitos que interpretam, significam e que constroem suas subjetividades e ações a partir dessas interpretações e significados. Em consonância com esse pressuposto, as entrevistas desta pesquisa foram realizadas com seis jovens estudantes de ensino médio, na faixa etária de 15 a 18 anos.

A referida escola está localizada em um município do Território de Identidade Itaparica, um dos 27 Territórios de Identidade reconhecidos pelo Estado da Bahia. O município conta com uma população urbana e rural equivalentes em termos quantitativos e está entre os três da região com maior proporção de população em situação de extrema pobreza (BAHIA, 2018), estando na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,500 e 0,599), e com aproximadamente 96% de jovens de 15 a 17 anos frequentando a escola (BAHIA, 2018).

O primeiro contato com a escola ocorreu no ano de 2018 mediante o convite de realizar uma palestra sobre a temática do racismo. As dependências do colégio possuíam em suas paredes narrativas, pois como afirma Clandinin e Clonnelly (2015)

“a escola e a comunidade, a paisagem em seu sentido mais amplo, ensinaram-nos que também nesses espaços há histórias narrativas” (CLANDININ E CLONNELLY, 2015, p. 103). O muro externo frontal da escola é preenchido por grafites que denunciam a violência contra a mulher e o racismo, e nas paredes do interior havia quadros pintados pelos estudantes com essas temáticas e outras mais, como a automutilação, o genocídio da população negra pelas mãos do Estado brasileiro e o assédio.

Frente às narrativas ali presentes, em vez de uma palestra construímos uma oficina organizada junto com os estudantes sobre o tema das relações étnico-raciais no Brasil, a partir dos conhecimentos que os estudantes já tinham e das discussões trazidas nas produções artísticas que havia na escola. Depois de quatro encontros, a oficina produzida com os estudantes foi apresentada para outras turmas que foram provocadas a debater o tema a partir da peça de teatro, do *fanzine*¹, das poesias, músicas, pinturas e retratos apresentados.

Além desses primeiros contatos, outro fator importante para a inserção na escola foi a realização de um grupo de leitura quinzenal iniciado em junho de 2019, a convite do diretor de cultura da escola. Os encontros do grupo ocorriam quinzenalmente no turno vespertino e foram marcados por diálogos e provocações sociológicas, o que não raro era verbalizado pelos estudantes como uma forma prazerosa e significativa de aprendizado, pois eram oportunidades de compartilharem suas compreensões de mundo e aprender outros pontos de vista. A quantidade de estudantes variava a cada encontro, havendo 4 membros assíduos e dois mais intermitentes, numa média de seis estudantes por encontro.

Esses contatos prévios com a escola e com os estudantes foram fundamentais para a realização desta pesquisa, pois marcaram a escolha da escola como campo de pesquisa e potencializaram a realização das entrevistas. Pois, como afirma Poupart (2008) uma boa entrevista qualitativa é aquela na qual se pode

obter a melhor colaboração do entrevistado; colocá-lo mais à vontade possível na situação de entrevista; ganhar sua confiança e, enfim, fazer com

¹O Fanzine é uma revista de publicação alternativa, independente feita de fãs de um determinado assunto, objeto ou arte e voltado para fãs do mesmo conteúdo (MAGALHÃES, 1993). Há dois tipos de produção de Fanzines: os impressos, geralmente feitos em papel sulfite, e os e-zines, sites que possuem a mesma finalidade e filosofia de um Fanzine”. In: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88234/91112>

que ele fale espontaneamente e aceite se envolver. (POUPART, 2008, p. 229).

Desse modo, a relação de proximidade e confiança entre a entrevistadora e os entrevistados/colaboradores da pesquisa fora construída durante os encontros acima mencionados que mostraram-se fundamentais para a realização das entrevistas, uma vez que a partir deles houvera uma familiarização com a escola e com os estudantes. Nesse sentido, não houve maiores dificuldades em convidar os estudantes para serem colaboradores nesta pesquisa. Contudo, quatro dos seis colaboradores desta pesquisa faziam parte do grupo de leitura e os outros dois deles estiveram envolvidos nas atividades realizadas em 2018. Em contrapartida, as tentativas de entrevistar outros estudantes com os quais não houve contatos tão estreitos não foram tão exitosos, na medida em que eles não se sentiam à vontade para colaborar com a pesquisa.

Como nos afirma Poupart (2008), a situação de entrevista em geral coloca em contato pessoas que não se conhecem e que não necessariamente compartilham coisas em comum. E as entrevistas narrativas, por sua vez, são situações nas quais um entrevistado é encorajado e estimulado a “contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. [...] Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 91). E para os propósitos da entrevista narrativa é indispensável que o tema abordado seja de interesse do interlocutor (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

Desse modo, a pesquisa utilizou-se como critério de escolha principal fazer parte do ensino médio público; dispor de tempo para participar das entrevistas narrativas e por fim, a adesão voluntária, partindo dos dois critérios anteriormente mencionado e, foram citados ao longo do texto por meio de pseudônimos que remetem às plantas que compõem a paisagem do território. Linda Flor do Sertão e Moscou solicitaram escolher seus pseudônimos quando informados de que seriam citados no trabalho através deles.

Frente ao exposto, o percurso metodológico desta pesquisa concorre para utilização de uma metodologia de cunho qualitativo, pois se preocupa

[...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos

processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.22-23).

A experiência narrada como centro desta investigação se fundamenta no que afirmam D. Jean Connelly e F. Michael Clandinin (1995) que a narrativa é tanto o fenômeno que se investiga, quanto o método da investigação. Em suas palavras,

‘Narrativa’ es el nombre de esacualidad que estructura la experiencia que va a ser estudiada, y es también el nombre de los patrones de investigación que van a ser utilizados para su estudio. (CONNELLY E CLANDININ, 1995, p. 12).²

Ou seja, é a narrativa que estrutura a experiência e que é ao mesmo tempo o fenômeno e o método da investigação. Enquanto seres contadores de histórias, que vivem suas experiências narrativamente num encadeamento temporal e de sentidos, somos atravessados pela experiência com sua dimensão exterior, subjetiva e de transformação (LARROSA, 2006). A experiência é uma passagem, na medida em que diz do movimento de algo que vem até o sujeito. Nesse sentido é que não se “faz” uma experiência, como a um experimento, mas se vive, se “sofre” uma experiência.

Desse modo, as narrativas foram o meio pelo qual as experiências dos estudantes com a disciplina de Sociologia foram acessadas, pois é por meio das narrativas que as pessoas rememoram os acontecimentos, lhes atribuem um encadeamento de acontecimentos, encontram explicações para aqueles, e dessa maneira interagem com o emaranhado de acontecimentos que constroem a vida social e individual (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

Durante a entrevista os colaboradores foram estimulados a falar livremente sobre a questão: “Quais suas experiências com a disciplina Sociologia?”. As entrevistas narrativas foram gravadas em áudio, seguido do trabalho de transcrição e categorização temática. Nesse processo,

passagens inteiras, ou parágrafos, são parafraseados em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafraseadas em algumas palavras-chave. Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido. [...] A partir deste parafrasear, desenvolve-se um sistema de categorias com o qual todos os textos podem ser, em última análise, codificados, caso necessária (JOVCHELOVITCH e BUER, 2002, p. 107).

² Tradução livre dos autores: ‘Narrativa’ é o nome dessa qualidade que estrutura a experiência que vai ser estudada, e também é o nome dos padrões de pesquisa que vão ser usados para o seu estudo. (CONNELLY E CLANDININ, 1995, p. 12).

Após as transcrições e categorizações, o conteúdo das narrativas foi interpretado à luz dos teóricos que foram selecionados a partir das contribuições dadas ao estudo das temáticas surgidas na pesquisa a partir das categorizações abstraídas das narrativas. Este movimento considera as experiências de vida como indícios com significação sociológica referentes às construções sócio-históricas. Para Bertaux (2010), um dos desafios centrais da análise compreensiva consiste, precisamente, em identificar aquelas que remetem a um mecanismo social que marcou a experiência de vida, em considerá-las como indícios, em se interrogar sobre sua significação sociológica, isto é, a que eles se referem no mundo sócio-histórico (BERTAUX, 2010, p. 109).

Discussão e resultados

Neste trabalho tomamos a concepção de Juventude enquanto categoria social forjada histórica e culturalmente, não passível de ser enquadrada em delimitações etárias e genéricas. Uma concepção de jovem enquanto sujeito social integral, permeado por diversos questionamentos, expectativas de futuro, modos de construir suas vivências, e pelas situações sociais que atravessam sua existência. Estas experiências e culturas juvenis adentram o tempo-espaço da escola de nível médio e permeiam, conseqüentemente, as vivências com a disciplina Sociologia.

Nos estudos de Sociologia da Juventude, “Juventude” fora um conceito visto por cientistas sociais como sendo por demais genérico e, portanto, insuficiente para o entendimento “das sociedades modernas e dos processos contemporâneos” (GROPPO, 2000, p. 8). Outros afirmaram ainda que o termo camufla questões fundadas em construções de classe ou sobre estratificações sociais. Contudo, foram os critérios predominantemente adotados para a definição de juventude (etário e sociocultural) que por sua vagueza não ofereciam conceituações e definições consubstanciais. Há, assim, ou a delimitação da Juventude por faixas de idade ou incorrendo em um relativismo extremo, que ocasionou um paradoxo na sociologia: o de “não conseguir definir o ‘objeto’ que ela própria ajudou a criar” (GROPPO, 2000, p. 10).

Mannheim (1968), por sua vez, dá uma importante contribuição ao estudo sociológico da juventude ao tomá-la enquanto categoria, ou seja, como instrumento que possibilitará conceituar as diversas Juventudes a partir das situações sociais e das representações sociais que a constituem (MANNHEIN, 1968). E Groppo (2000) ressalta ainda que o entendimento de Juventude enquanto categoria social contém a capacidade de elucidar as transformações da própria modernidade em variados sentidos, pois, para além das estruturas de classe e estratificações sociais, a sociedade moderna é marcada pela “cronologização do curso da vida” (GROPPO, 2000, p.12). Assim, instituições modernas “como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial, basearam-se também no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do mundo da vida” (GROPPO, 2000, p.12).

Afinal, apesar de diversos, os jovens são filhos da modernidade, e é nesse complexo contexto que significam o mundo e se apropriam dele. Como uma categoria construída culturalmente, não se conforma a delimitações biológicas e etárias e como a conhecemos hoje é uma invenção do pós-guerra que possibilitou o surgimento de uma nova ordem internacional na qual os vencedores impuseram seus estilos e valores de vida. Desse modo, tomou forma um discurso jurídico, escolar e mercadológico que reivindicaram a existência das crianças e jovens como sujeitos de direitos e especialmente sujeitos de consumo.

Dada a relevância dos estudos sobre juventude na compreensão da própria modernidade, a produção sócio-histórica do conceito de juventude nas produções acadêmicas brasileiras é marcada por sua polissemia, com sentidos que transitam entre os campos da Biologia, da Psicologia e da Sociologia e que assumem diferentes funções: “garantir os diferentes cenários a respeito do fenômeno, [...] um olhar multifocal, ao tempo em que evidencia disputa em torno de uma posição de primazia” (TRANCOSO E OLIVEIRA, 2014, p. 263), polissemia que reflete também a impossibilidade de uma única área de conhecimento dar cabo à uma discussão tão complexa e com diferentes aspectos a serem explorados.

Desse modo, as principais concepções e termos pelos quais as juventudes, entendidas como um período de transição para a maturidade, foram:

- As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e está se tornando maduro.

- A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.
- A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto. (GROPPO, 2000, p. 13-14)

Tratando-se, pois, de um trabalho em Sociologia, consideramos como jovem todos os estudantes inseridos no nível escolar do ensino médio, que no caso dos jovens entrevistados estão entre 15 e 18 anos. E acatamos ainda a utilização do termo “juventude” usado no plural, “para que possamos dar conta da diversidade na vivência desta fase de transição à maturidade” (GROPPO, 2000, p. 15).

Desse modo, ao analisarmos as experiências dos jovens estudantes com a disciplina Sociologia, é indispensável salientar a indissociabilidade que conferem à vivência enquanto jovem e enquanto estudante, uma vez que as experiências com o ensino de Sociologia aparecem diretamente relacionadas a esses significados, na medida em que os jovens demandam que a disciplina possa ser vivenciada a partir da interlocução com o estudo das temáticas que perpassam suas vivências juvenis. Devendo, assim, ser estruturada de modo que na sala de aula o aluno seja tomado enquanto jovem sujeito, não apenas como receptor de informações que não contemplem sua integralidade e as demandas de compreensão sobre as situações sociais que vivenciam e suas construções subjetivas.

Por aparecer majoritariamente enquanto demanda e não enquanto relato de vivências significativas, as narrativas sobre as experiências com a disciplina Sociologia foram breves e indicam uma necessária reconfiguração dos modos de fazer da disciplina ao alertar para uma prática distante dos jovens. Apesar disso, há também o reconhecimento pelos jovens da importância da disciplina, e ao se tomar as narrativas juvenis enquanto fonte de produção de conhecimento sobre a Sociologia no ensino médio.

Foi possível perceber nas narrativas dos jovens, os significados construídos sobre ser jovem e ser estudante de ensino médio, imbricadas e indissociáveis nas experiências narradas. Tais experiências indicam roteiros, caminhos metodológicos e curriculares passíveis de diminuir a distância entre as experiências juvenis e a disciplina Sociologia, sendo visivelmente observada em um trecho da narrativa de

Flor de Mandacaru afirma que para ela um dos temas predominantes da Sociologia são a ética e a moral:

Sociologia serve de exemplo pra sociedade, pra a pessoa aprender o que é certo ou errado na sociedade. Pior que a sociologia vai vir fala sobre a ética e moral, que a pessoa tem que ter ética e moral. Ajuda a pensar da própria vida e ainda a dos outros também. Eu não senti porque não me interessei muito, mas fez um pouco diferença porque a pessoa aprende algumas coisas. Pra isso a pessoa tem que focar muito, eu não foco. (FLOR DE MANDACARU, 2019)

Nesse sentido, as experiências com a disciplina Sociologia dialogam com os significados que atribuem ao ser jovem e a ser estudante, trazendo a partir de suas narrativas importantes indícios e demandas para que os conteúdos curriculares estejam relacionados e conectados com suas vivências, corroborando com o que discute Carrano (*et al*, 2013) ao afirmar que

Muitos jovens estudantes expressam suas dificuldades para estabelecer uma conexão entre os conteúdos curriculares e suas vidas. Se a escola é lugar de aprender, é importante compreender como os jovens aprendem e quais são os conhecimentos que demandam da escola. Os jovens enfatizam a importância de que seus interesses sejam considerados, o que é possível quando se estabelece um diálogo entre os conteúdos curriculares e a realidade. (CARRANO, *et al*, 2013, p. 52)

Nesse sentido, ao serem indagados sobre suas experiências com a disciplina sociologia, os jovens demandaram que ela possa se relacionar com suas vivências e o reconhecimento de si. Flor de Mandacaru, ao falar sobre sua experiência com a disciplina, aponta ter considerado como mais significativos os momentos das aulas que tiveram associação com temáticas de seu cotidiano, em suas palavras:

A pessoa fica curiosa, mas ao mesmo tempo não. A pessoa quer saber o que é sociologia, mas tem tema, assunto que deixa a pessoa entediada e a pessoa não quer saber muito. [...] A pessoa fica curiosa de um tema e em outro fica entediado, não quer saber, mas é o nosso dever aprender isso.

Em regra social [...] eu queria saber o que era sociologia, porque eu soube que era o conjunto de pessoas da sociedade aí já foi! Aí passou pra regra, isso e aquilo, aí bateu um tédiozinho, mas, assim, a pessoa tem que aprender, o professor também traz um assunto muito bom que a pessoa vai aprendendo. Essa prova agora que a professora fez eu gostei, fala da tecnologia, vocês num falaram sobre celular e tudo? Gostei. Perguntou tudo sobre site e aí respondemos tudo. E isso também por causa que falou que celular tá causando doenças, pessoas tá ficando depressiva, se isola tudo e até tem uma sala que tá fazendo esse tema. Eu gostei só por causa disso também, que ajuda muitas pessoas.

Falou sobre as culturas, cultura social, pra gente bom aprender as culturas dos outro, a pessoa não aprende só a cultura da nossa região, sabe da cultura dos outros estados e outras região, é bom, a pessoa fica mais atento e mais curiosa, saber sobre isso. (FLOR DE MANDACARU, 2019)

E nesse sentido, Flor de Mandacaru tem sobre a disciplina algumas expectativas de conteúdo a serem abordados e que possam auxiliar na compreensão das relações interpessoais e em preceitos de cidadania, como o respeito ao próximo, como traz na seguinte reflexão ligada diretamente ao aspecto das relações sociais e conflitos interpessoais que presencia e/ou vivencia na escola. Sendo assim, para ela a disciplina sociologia pode ajudar a fomentar a atitude de:

Respeitar os outros. Porque tem gente que não respeita o outro. Pensa que não vai depender dessa pessoa um dia. [...] Eu quero mais isso, mais respeito com o outro. Por causa, se você quer respeito, você tem que respeitar o outro, a outra pessoa só por causa disso acontece muitas coisas ruim. Num respeita... a pessoa apelidar o outro, o outro se alterar, querer, uns mata, outros faz coisa errada.

[...] Se a pessoa tá gostando, você brinca, mas não muito pesado. Tem vezes que eu tô muito chateada, aí vem os meninos brincarem comigo, aí eu digo: pare, que eu numtô hoje pra brincadeira não. Só me atentando, só falando coisa, até que eu meti o lápis nele, mas não furou fundo, só tirou muito sangue, aí foi falar com a professora. A professora disse: - não, ela tava quieta na dela e porque que você foi mexer com ela? Ela pediu pra você parar, você num parou... o culpado é você, num é ela não. (FLOR DE MANDACARU, 2019)

Ou seja, em sua narrativa, Flor de Mandacaru demanda da disciplina Sociologia uma abordagem para compreensão das relações interpessoais conflituosas que acontecem na escola e que não têm uma resposta ou uma resolutividade, como observamos no caso em que aconteceu uma agressão em resposta a uma importunação que Flor de Mandacaru sofreu, mas que foi tomada pela professora como encerrada em si mesma, sem que as causas pudessem ser elucidadas, dialogadas. A questão central desencadeada pela narrativa vai ao encontro da necessidade de revisão da prática pedagógica em que o ensino de Sociologia é construído, uma referência a necessidade de contextualizar o conteúdo, não apenas partindo da exemplificação, mas numa perspectiva mobilizadora de sentidos e produção da reflexividade crítica, ou seja, em quais momentos da vida os conceitos sociais e da imaginação sociológica são aplicados no cotidiano.

Para Flor de Mandacaru, outro aspecto importante da vivência com as disciplinas em geral está ligado à didática do professor, aos recursos didáticos utilizados e a proximidade que o professor consegue estabelecer com os estudantes, como traz no exemplo da experiência com o professor de geografia:

é porque depende da explicação do professor, aí tem todo um tédio, [...] porque todo professor tem seu jeito de explicar, tem uns que é mais animado, tem uns que a pessoa fica atento, tem uns que é meio assim, chato [...], o professor fica

com tédio e os alunos também ficam, aí por isso que tem muitos alunos que não se interessam na matéria. E é tanto, tiro isso porque no ano passado professor tudo fechadão, tudo chegar, sentar na cadeira e começar a escrever, pronto, botou a pessoa pra escrever, explicou, pronto, já era! A pessoa fica com tédio. Aí isso eu vim aprender com outros professores nesse ano que entrou, esse mesmo de geografia ele é um ótimo professor. Ele chega na Brincadeira ele disse que disse que ele tão brincalhão que na brincadeira a pessoa aprende. E outra, e ele não só escrever, escrever, pá pápá, ele explicou... não! Ele explica direito, passa slide e tudo, trabalho. Os professores deviam fazer isso, e a pessoa desenvolve mais. Ele disse que nossa sala ele, a pessoa compreende muito e ele é rápido para dar aula a gente. Ele fala, *nóis* também, dá opinião, ele também. Isso a pessoa tem que trabalhar muito, é uma boa ideia pra isso. Você saber realmente, saber qual é a realidade, isso é bom que a pessoa aprende ainda mais. [...] Os professores ajudar o aluno, e os alunos ajudarem os professores. O professor não só ensina, ele também aprende. (FLOR DE MANDACARU, 2019)

Frente à complexidade de representações e situações sociais que caracterizam as juventudes e suas relações com a escola e com o ensino médio, o contexto da disciplina Sociologia tem uma história de intermitência nos currículos do ensino médio, cuja “obrigatoriedade foi estabelecida pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008, depois de muitos anos de debates, de avanços e retrocessos, e de quase quarenta anos de banimento destas disciplinas dos currículos escolares” (VARGAS, 2011, p. 11). Imbricada em fatores que concorrem para sua desvalorização, a pertinência da disciplina Sociologia no ensino médio nem sempre é reconhecida pelas escolas, pelos professores - em sua maioria sem formação na área - e pelos estudantes. A falta de formação, por exemplo, muitas vezes é percebida pelos estudantes, como nos traz Cidreira ao relatar que a própria professora verbaliza que não é formada na área e encontra dificuldades em conduzir as aulas. Nas palavras de Cidreira,

A disciplina de sociologia eu não sou muito boa não, porque fala de *Uéber*, *Uber*, Marx e Émile Durkheim esses três, é... Marx fala de, sobre suicídio que a sociedade está sendo muito cruel e ele não aceita o suicídio. Já o outro não fala muito a verdade... ele não acredita no suicídio, disse que isso é pura, pura mentira já o *Uéber* não sei muito o que ele fala. Não gosto nem de falar desses cara como eu odeio... Eu não sou muito chegada nesses caras não, no primeiro dia que ela, da aula que ela deu não sei o que foi que aconteceu. Também na escola tô ruim, na escola também tô ruim. Assim só sei falar desses três aí mesmo, até da primeira unidade, ela ainda fala deles também eu acho que ela ainda vai passar um novo assunto ainda. Acho que poderia melhorar um pouco porque tá muito fraca, é de tanto, como ela falou, ela mesmo falou, ela não tem capacidade em sociologia. Então devia melhorar um pouco. Quase, nem todo mundo da sala também tão entendendo. Então seria um, acho que pra ser melhor uma profissional mesmo de sociologia. (CIDREIRA, 2019)

Diante da discussão sobre sua vivência, Cidreira relata suas expectativas em relação à disciplina, que conversam com as vivências enquanto estudante de ensino médio no sentido de que as experiências mais amplas dos estudantes sejam consideradas, em suas palavras:

Um tema que devia ser estudado na sociologia era sobre a vida dos alunos na sala de aula. Ia ser bacana cada um contar a sua história, o que tinha, e eles saberem respeitar também, saber compreender e dá muito apoio ou dá um, como é que se diz... esqueci o nome... tentar entender e falar o que é isso, o que é aquilo também... acho legal. (CIDREIRA, 2019)

Significando a experiência com a disciplina Sociologia a partir de uma articulação com a compreensão de fatores da vida em sociedade, Ipê relata que para ele

Sociologia é a base para você lá fora. Que você vai estudar a sociedade, os conflitos, é... vamos dizer, até em meio área político. Você tem uma noção melhor do, vamos dizer assim, do paladar lá fora. Tipo, hoje em dia muito jovem não entende, assim, a sociologia só esquentar um estudo de escola, mas é um estudo para a vida a sociologia, que já diz que é o estudo do humano, o estudo da vida, que na sociologia você debate de tudo em questões de fatos sociais, em questões de debate. Você pode ter uma visão melhor do mundo lá fora por, pela matéria da sociologia. Então eu tento eu tento ver ela como um amigo, a Sociologia... ela passa a vida que você pretende ter lá fora você já tem uma visão melhor da convivência social. Você vai saber seus direitos, em questão político e tal, eu tenha essa base aí da Sociologia. Tem muito tema focado. A gente vê até em português a pessoa também vê isso também sobre a sociologia, em português, acho que em filosofia eu acho também cai um pouco. Tema assim, é que eu não foco muito em tema, de dizer tal dá para tirar uma ideia, mas só, mas eu tento ver mais conflitos sociais só. Dependendo de conflitos urbanos, rurais, né. Então eu vejo mais ou menos isso aí.

Já para Aroeira, sua experiência com a disciplina Sociologia foi pouco significativa, apesar disso, ela traz a mesma demanda de que o currículo em sociologia possa abordar temáticas que ajudem na compreensão dos aspectos que permeiam a juventude. Quando perguntada sobre sua experiência com a disciplina Sociologia Aroeira afirmou:

Eu nem sei te dizer porque sociologia é uma disciplina que tá um pouco fora de tudo porque digamos que o que a gente vê hoje em cima, né, de sociologia não é algo bem chamativo, algo que você se interessa... não tem aquela coisa toda que você precisa para chamar atenção, sua atenção. Sociologia os temas são meio que às vezes fora de sentido. O que a gente mais faz é atividade e isso poderia mudar.

No momento os temas que a gente vem, por mais que eu não tô lembrando de algo no momento, eles não vem trazendo isso ao caso, fala mais de coisas que não tem nada a ver com a fase do jovem, então isso é meio complicado você se identificar e querer se identificar, por isso a falta de interesse. (AROEIRA, 2019)

Na mesma direção, Linda Flor do Sertão reivindica uma maior aproximação da disciplina Sociologia com a vida dos jovens, numa abordagem na qual os jovens pudessem reconhecer aspectos de sua vivência juvenil abordados e debatidos, colocando em perspectiva também a didática do professor e o interesse dele na disciplina, fator muitas vezes prejudicado pela falta de formação em Ciências Sociais por parte de quem ministra a disciplina. Nas palavras de Linda Flor do Sertão,

Eu acredito que a disciplina sociologia desde o início do ensino médio e até antes, ela deveria ser mais bem abordada. Não só aqui, mas em outros lugares também porque eu acredito que a sociologia é uma parte importante, assim como a geografia, assim como história, biologia [...] Mas as pessoas, os professores na verdade, eles não abordam o contexto completo do que é a sociologia, da importância que tem, e pra um sociólogo eu acho que isso é bem triste, por que as pessoas não entenderem a sua função, não entenderem o que é a própria Sociologia na escola, como eu realmente na prova de sociologia [...] acho que deveria ser algo mais amplo, uma visão mais ampla com mais interesse da parte dos próprios professores em ensinar. Porque eu acho que você chegar na sala, entregar uma folha não é ensinar. Eu acredito isso porque eu tenho aula de outros professores que realmente veio capacitados para ensinar, veio interessados para ensinar e a sociologia é uma parte bem importante que na verdade não é totalmente abordada na escola, certo. Minhas aulas em geral são: uma apostila com um texto e perguntas... que nem sei responder. Todas!

A nossa própria convivência, a ética... acredito que faça parte da sociologia, apesar de eu não ter estudado na sala de aula. Eu acredito que a forma de nós nos portarmos diante a sociedade, a forma de nós sermos estudados, que nós nos estudamos, sabe... eu acho que isso, isso eu acredito que deveria ser mais abordado em sala de aula, a forma como nós próprios nos estudamos que é tão interessante como seres humanos gostam tanto de estudar a si mesmos, né. E na verdade eles não conseguem estudar o contexto completo, mas eu acredito que essa forma de abordar mais o estudo de nós mesmo seria algo bem interessante, porque eu acredito que você se sentisse “Nossa, caramba! Eu sou assim, velho!”, eu acho que seria mais, mais, mais certo assim para se... para se abordar, do que você chegar na sala de aula e entregar uma folha e querer que as pessoas respondam coisas que na verdade você nem explicou. (LINDA FLOR DO SERTÃO, 2019)

O relato de Linda Flor do Sertão traz para a disciplina Sociologia a potencialidade de ser estruturada em articulação com a categoria juventude, elucidando caminhos possíveis de diálogo com as diversas problemáticas que atravessam as vivências dos jovens no ensino médio. Discussão na qual Weller (2014) contribui ao problematizar, por exemplo, o aspecto de transição que caracteriza o grupo geracional que participa do ensino médio. Para a autora, esta etapa da vida escolar coincide com o período no qual se espera que os jovens desenvolvam projetos de futuro e realizem a transição necessária para efetivar esses projetos. Ao mesmo

tempo, aponta que a escola está mais preocupada com os projetos profissionais, mas afirma que para desenvolverem projetos, os jovens do ensino médio “teriam que estar em condições de encontrar propósitos ou finalidades de seus projetos de vida” (WELLER, 2014, p. 139), algo mais complexo que a escolha da profissão.

Ainda que a realidade de não valorização e a relação de falta de sentido dos estudantes com os conteúdos escolares não seja particular à disciplina Sociologia, ela encontra-se entre as disciplinas menos privilegiadas. Frente à intensa economia dos resultados em vestibulares e exames nacionais que serve de parâmetro para a legitimação da qualidade das escolas (TARDIF, 2002), para disciplinas como, por exemplo, português, matemática, química e física são dedicados mais tempo e esforço.

São disciplinas consideradas exatas, com maior *status* de cientificidade e valorizadas pelos estudantes dada a dificuldade de compreensão, por acarretarem num maior número de reprovações e serem mais cobradas nos vestibulares e exames internos e externos à escola. Além disso, não há exigência de formação em Ciências Sociais para ministrar as aulas de Sociologia, que até então contara também com uma carga horária diminuta de cinquenta minutos semanais por turma nas escolas estaduais de Pernambuco, e nas escolas do estado da Bahia, de cem minutos semanais.

Outro aspecto importante que permeia a experiência dos jovens no ensino médio e com a disciplina Sociologia é enfatizado por Arroyo (2014), que chama atenção para a homogeneidade sob a qual os currículos de ensino médio se erigem, trazendo à tona as desigualdades sociais profundas que marcam as trajetórias dos estudantes populares que chegam às escolas públicas. Alerta ainda para a diversidade que caracteriza os jovens “na sua especificidade social, sexual, étnica, racial, das periferias e dos campos.” (ARROYO, 2014, p. 64), a juventude concreta com a qual os profissionais da educação se deparam e que deve ser o referente para o exame crítico dos currículos. No entendimento de Flor de Mandacaru,

Todos os professores têm que entender que não é só todo no sério que o aluno aprende, não. É no visual, não só na explicação, tem que ter alguma coisa, um slide, alguma coisinha. O professor primeira vez quando chegou, ele explicou que nós aprendia mais como: com aula, como ele interage com a gente numa aula. Nós explicamos a ele como, ele compreendeu e tá fazendo. A gente não aprende, mas ainda fica uma ideia, o que é isso, esse assunto, se tá difícil, mas a pessoa ainda aprende, bota na cabeça, se a pessoa não lembrar na hora que a pessoa explique, mas compreende isso. Eu gosto, eu queria que todas aulas fossem assim. Tudo as citação, slide, trabalho, brincadeira.

A aula de sociologia é boa, a professora é boa, ela brinca com a gente, explica e tudo. Mas, assim, não sei, o jeito, não que seja culpada, não tô culpando a professora, deve ser por causa do tema, que a pessoa fica com tédio. Não é toda vez que a pessoa tá atento de também estudar não. Mas tem vez que tem aula que a pessoa compreende, entende e tudo. E a pessoa tem que colaborar, você tem que ajudar, o professor tem que ajudar o aluno, o aluno ajudar o professor. (FLOR DE MANDACARU, 2019)

Frente ao exposto, as experiências com o Ensino de Sociologia dos jovens colaboradores dessa pesquisa trouxeram importantes questões que vão desde a formação dos professores na área e questões didáticas, até uma necessária estruturação da disciplina para que possa se comunicar com as questões vivenciadas pelos jovens, e que encontram consonância no bojo dos objetivos da própria disciplina no ensino médio, que estão ligados aos anseios de refletir criticamente as relações e conflitos interpessoais, a inserção na sociedade a partir de uma formação ética pautada no respeito às diversidades, como contextualizado por Ferreira (2012):

O processo de democratização da sociedade brasileira, a partir de meados da década de 1980, propiciou o aprofundamento da visão da educação com instrumento de transformação social e como agente atenuador das desigualdades sociais. Em consequência, passou-se a esperar da escola respostas para a formação de sujeitos críticos e reflexivos capazes de exercer sua cidadania (BRASIL, 1996), tal como, aliás, é estabelecido pela LDB n. 9394/1996 (art. 35, inciso III). A Lei define como sendo finalidade do ensino médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, o que tem fundamentado a formulação de legislação complementar, bem como motivado o debate social e acadêmico a respeito desse nível de ensino, debate que deu ênfase à composição do currículo e à formação e atuação dos professores.

Nessa perspectiva, entidades representativas da Sociologia, concebendo-a como um dos instrumentos de reflexão crítica sobre a sociedade, se empenharam em introduzi-la como disciplina obrigatória, o que foi estabelecido pelo Parecer CNE/CEB nº 38/2006. Atribui este Parecer à Sociologia a tarefa de promover a reflexão crítica voltada para a cidadania, levar o jovem a pensar sobre como se sente no mundo, sobre a sua capacidade para transformá-lo, favorecer a sua inserção social. (FERREIRA, 2012, não paginado)

Nesse contexto de tomar a Sociologia como instrumento de reflexão crítica, o relato de Moscou é o de uma identificação positiva na experiência com a disciplina Sociologia. Ele, assim como Ipê, articulou em sua experiência conhecimentos da disciplina com a compreensão de temáticas da vida cotidiana, o que o possibilitou uma relação significativa com a disciplina, como afirma em seu relato:

Com a disciplina Sociologia eu tô bastante surpreso porque era uma parte que eu já estudava de certa forma, mas de forma muito superficial, não era uma coisa que conhecia como a sociologia. Era uma coisa que eu conhecia como

comportamentos que a sociedade tinha em grupos, que eu poderia facilmente aprender, que se eu tivesse alguma coisa que estivesse de errado eu pudesse consertar ou chegar no lugar conseguir me adaptar de acordo com os comportamentos; conseguir me adaptar aquele grupo por saber como é que aquele grupo se comporta, de certa forma. E hoje a matéria sociologia me trouxe um conhecimento mais fundamentado, por que a sociologia é o estudo em si das relações sociais, mas antes de ter esse estudo das relações sociais, foram montadas teorias, foram discutidos ideias sobre o que poderia ser a sociologia... de como é que poderia ser feito esses estudos, de pensadores que vieram a pensar como os seres se comportam, no caso a gente, seres humanos. Então me trouxe mais o fundamento e hoje eu não olho para a sociologia mais como uma forma de eu aprender para me adaptar um grupo, mas uma forma de conseguir entender toda a sociedade humana e saber que eu faço parte dela de acordo com aquelas atitudes que eu tenho um grupo, com aquelas atitudes que eu tenho até fora, mas que o grupo e sociedade que eu vivi me influenciou. Então eu vejo como uma coisa que hoje faz parte do nosso dia-a-dia, ou deveria fazer parte, mas que ainda não tá tão presente. A parte superficial sobre a sociologia eu desenvolvi sendo autodidata, mas o fundamento mesmo, a base pra poder eu entender aquilo que eu tinha estudado antes, com mais propriedade, eu só vim obter com a matéria sociologia no colégio. (MOSCOU, 2019)

Desse modo, pesquisar a Sociologia no ensino médio através das experiências narradas dos jovens estudantes é um profícuo caminho para a compreensão das experiências que os jovens estudantes têm tido com a disciplina Sociologia. Sem pretensões generalistas, o processo de escuta possibilitado pela entrevista narrativa traz a abertura e a possibilidade de acesso aos significados que os jovens estão construindo sobre a disciplina. E considerar esses significados abre a possibilidade de construir experiências significativas entre os jovens e a Sociologia no ensino médio.

Sendo assim, os relatos trazem a potencialidade de articular as dimensões que compõem as vivências dos jovens que são públicos do ensino médio com o Ensino de Sociologia na educação básica, buscando fomentar uma aproximação entre as juventudes e a escola, a partir do reconhecimento dos jovens como dotados de experiências e narrativas que podem contribuir para a organização da disciplina Sociologia, explícito nos trechos em destaque ao longo do texto, de modo dialogado entre o professor e os estudantes e suas juventudes diversas. Antes de ingressar na escola esses sujeitos jovens são marcados por experiências sociais que os habilitam a compreender de modo prático o que a Sociologia expressa em suas perspectivas teóricas.

Considerações Finais

Frente às narrativas apresentadas e as conjecturas construídas no processo de análise, encontramos no trabalho com narrativas uma série de contribuições para o Ensino de Sociologia no ensino médio na medida em que os jovens expressaram os sentidos construídos em suas experiências com a disciplina Sociologia e que, ainda que nem sempre significativas, encontra um lugar de reconhecida importância e função para a compreensão de suas vivências e das situações sociais que lhes atravessam.

Essas narrativas possibilitam ainda ao docente construir práticas pedagógicas assertivas e que se vinculem aos anseios e reivindicações presentes nas falas dos jovens estudantes, ao considerá-las na elaboração dos planos de aula e nas metodologias a serem utilizadas, para que possam preconizar a participação e o envolvimento dos estudantes a partir do diálogo sobre suas expectativas sobre a disciplina, as temáticas que se apresentam como relevantes em seu cotidiano e sobre as quais eles demandam maior aprofundamento.

Apesar da Sociologia não estar entre as disciplinas mais privilegiadas e valorizadas, encontramos também narrativas juvenis que vão de encontro a essa desvalorização, demandando para tanto uma disciplina que seja ofertada com qualidade e por professores qualificados na área, e mesmo para os professores que não possuem formação específica, estas narrativas contribuem para que possam considerar e valorizar as expectativas e os sentidos que os estudantes conferem à Sociologia.

Dessa forma, encontramos nas narrativas dos jovens demandas de que a Sociologia sirva para compreensão de si, das situações sociais e das relações interpessoais que perpassam as vivências juvenis. Nessa direção, os jovens reconhecem a Sociologia enquanto importante e necessária para sua formação humana a partir da escola, indo de encontro à desvalorização da disciplina na hierarquia de conhecimentos e nas reformas recentes.

Narram também uma percepção crítica sobre a falta de formação dos professores na área das Ciências Sociais e reconhecem a importância da disciplina para compreensão da vida em sociedade e das próprias juventudes, trazendo a reivindicação de que ela fosse priorizada tanto quanto as demais disciplinas. Essa

demanda dialoga com os objetivos formais do ensino médio e com os objetivos da disciplina Sociologia enquanto instrumento de reflexão crítica.

Sendo assim, o trabalho com narrativas resultou num importante levantamento das experiências com a disciplina Sociologia, que trazem a potencialidade de articular as dimensões que compõem as vivências dos jovens que são público do ensino médio e do Ensino de Sociologia na educação básica, buscando fomentar uma aproximação entre as juventudes e a escola, a partir do reconhecimento dos jovens como dotados de experiências que podem ser acessadas por meio das narrativas e que podem contribuir para a organização da disciplina Sociologia, considerada desde suas finalidades à organização curricular.

Bibliografia

ARROYO, Miguel. Repensar o ensino médio, por quê? In.: *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo* / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 53 – 74.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus, 2010.

CARRANO, Paulo *et al.* Formação das juventudes, participação e escola. In: CARRANO, Paulo César Rodrigues.; DAYRELL, Juarez (Orgs.). *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: O jovem como sujeito do ensino médio*. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. p. 46-57. Disponível em: <http://www.dpe.ufv.br/wp-content/uploads/ETAPA-I-C.-2.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: BONDÌA, Jorge Larrosa. *Déjame que te cuente: Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995, p. 11 – 59.

FERREIRA, Fabiana. *A Sociologia no ensino médio: concepções de professores sobre formação crítica para a cidadania*. Estudos de Sociologia – Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE, Vol. 2, Nº 18, 2012, não paginado. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235248/28269> Acesso em: 4 jan. 2020.

GROPPO, Luiz Antônio. A juventude como categoria social. In: **Juventude**: ensaios sobre sociologia e histórias das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 7-27.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. 90 – 113.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. Trad. Octávio Alves Velho. In.: BRITTO, Sulamita de (Org.). *Sociologia da Juventude*. Vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 69 – 94.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha, e OLIVEIRA, Adélia Augusto Souto. *Juventudes: desafios contemporâneos conceituais*. Revista ECOS, Vol. 4, nº 2. São Paulo: 2014. p. 262-273. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/download/juventude-desafios-contemporaneos.pdf> Acesso em: 26 dez. 2019.

VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. *O Ensino da Sociologia: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento*. UFPEL: 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César Rodrigues; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 135-156.

Recebido em: 19 set. 2020.

Aceito em: 02 fev. 2021